



1ª EDIÇÃO



# UPILE

REVISTA



CC 2026

[www.revistaupile.com](http://www.revistaupile.com)



# **UPILE** REVISTA

**COBERTURA DE EVENTOS  
CULTURAIS;**

**AGÊNCIA DE PUBLICIDADE;  
BRANDING E PRODUÇÃO DE  
CONTEÚDOS;**

**ASSESSORIA DE  
COMUNICAÇÃO E  
MARKETING  
(INSTITUCIONAL OU  
PESSOAL).**



Moçambique – Lichinga  
+258 842653521/840565540  
revistauphile0055@gmail.com  
[www.revistaupile.com](http://www.revistaupile.com)



# **"A Verdade Não Sustenta Um Personagem"**

## **Ludília Chirindza**

CC 2026

[www.revistaupile.com](http://www.revistaupile.com)

# FICHA TÉCNICA

**Propriedade:** REVISTA & EDITORA UPILE ,LDA

**Edição:** 1ª Edição

**Local de Publicação:** Lichinga/Niassa

**Redação:**

- Artimisa J. Tivane Mucavele
- Ana André Mitawa
- Benefiel Bonga
- Jonito Janeiro

**Revisão:** Geraldina Paia Gueze, PhD.

**Editora:** Revista Upile

**Arranjo Gráfico:** Bilay Luís Tomás

**Fotografia:** Yao Nation

**Periodicidade:** Mensal

**Impressão:** Melo Jr Service

**Exemplares:** 45

**Ano:** 2026

**Número de Páginas:** 69



NOTÍCIAS.....07

OPINIÃO.....19

COLUNA.....27

RESENHA.....31

ENTRE VERSOS.....37

DEVANEIOS.....40

SINOPSE.....49

MINHA BIO.....52

CRIAÇÃO ARTÍSTICA .....56

PERGAMINHOS .....58

AS MÃOS QUE FAZEM NIASSA.....67





# NOTÍCIAS





## AMALILO: O HOMEM DAS MIL MÃOS SOBRE UM BATUQUE QUE PROJECTOU O SEU DESTINO

No meio do histórico bairro Ngame, no Distrito de Mandimba, um eco ensurdecedor transformou-se em vida e escalou ritmo, contando histórias das comunidades. Amalilo Mussa Juma no meandro das artes conhecido simplesmente por Amalilo, das suas mãos, cada batucada revela segredos que apesar dos seus 37 anos de carreira, ainda tem muito por contar.



O Mestre Amalilo, fez do batuque a sua escola e do tempo, seu maior professor, carregando nos braços a fusão e o peso do ritmo ancestral, batendo o couro como quem conversa com os antepassados. Aos 23 anos, quando pela primeira vez seu batuque aterrou em Lichinga, percebeu algo novo: o nome que habituara ser somente seu, pertencia também às comunidades, aos amantes da música e dança tradicional.

Hoje, Amalilo é mais do que um artista. É um símbolo de união, é uma referência viva de Mangandje, das histórias das comunidades, da voz e da resiliência, cujo segredo reside nas mãos e na força de vontade. Como um digno embaixador das artes, das raízes e tradições de Niassa, Amalilo vem ensinando ao demais o seu ofício no intuito de deixar o seu legado para que o batuque não morra quando suas mãos se cansarem.

Com um repertório cheio de histórias, o batuque levou Amalilo a diversas paragens, quebrando barreiras e trilhando outros caminhos, numa trajetória que não caberia em nenhuma imaginação.



O assento na Assembleia Municipal de Mandimba, as paredes que sustentam o seu lar nos 37 anos dedicados à cultura, são disso exemplo, embora, a memória de cada batucada dada por figuras de renome (Presidente Filipe Nyusi e o actual Presidente da República) durante suas actuações pelos cantos do país, lembre o rio ou nuvem por si atravessada, em busca de sonhos eternos.

Em conversa com a Revista Upile, quando avalia a própria carreira, Amalilo não fala de glória vazia, mas de uma vida marcada de momentos tatuados e eternizados nos anais de diversas páginas da história, como o homem de batuque de múltiplos ecos. Seu batuque, hoje, viaja por vários destinos, ampliando as estórias de Niassa para o mundo.

Com humildade, ele agradece, reconhece e exorta apoio às artes, e persistência nos sonhos, que o caminho não é fácil:

“Nenhuma casa começa de cima, mas sim da base e vai subindo aos poucos até chegar ao tecto.” apontou.

Foi assim que Amalilo construiu a sua história de baixo para cima, com paciência, resistência e amor pela arte. A arte tornou-o grande, mas foi o ritmo e a verdade do batuque que construíram o líder de um grupo mais largo.

Porque, no fim, nem tudo é sobre dinheiro, as vezes, é apenas sobre bater o tambor certo no tempo certo e deixar que a vida siga o seu bailado.





## KUCHELE – UM NOVO AMANHECER NO DISTRITO DE SANGA

A partir de Sanga, chega uma esperança de um novo dia. Kuchele é um grupo de teatro liderado pelo **Marcelo Adamo Imede Ntucanica**, de 49 anos, 40 dos quais dedicados às artes, vive em Licole, Distrito de Sanga.

Produto da extinta Casa Velha em Lichinga, Ntucanica conta com uma trajetória rica de experiência, fez parte do grupo que forjou muitas infâncias e alegrou famílias em Lichinga. Homem de múltiplas artes, é bailarino, actor, encenador, percussionista e executante de vários outros instrumentos musicais, sobretudo típicos de Niassa.

Com o **KUCHELE**, pretende fazer réplica dos momentos que o marcaram na Associação ULONGO, onde participou em 07 festivais de teatro, em parceria com PSI JEITO, na década de 90, e Cooperação Suíça, de 2003 à 2014, difundindo mensagens de sensibilização para prevenção de HIV- SIDA e em matérias de água e saneamento.

No seu reinado, **KUCHELE** participou em vários regionais de teatro, com destaque para os distritos de Lago, Chiúre e Monapo. No grupo, junta crianças, adolescentes e jovens, para que ainda na tenra idade tenham gosto pelas artes, sobretudo pela salvaguarda da identidade cultural do povo de Niassa.





# OFICINA DE ESCRITA E PUBLICAÇÃO DE LIVROS INFANTO-JUVENIS REÚNE ESCRITORES E INTERESSADOS EM LICHINGA

A Biblioteca Pública Provincial de Niassa, na Cidade de Lichinga acolheu no dia 18/12, uma oficina de escrita e publicação de livros infanto-juvenis, orientada pelo escritor Pedro Pereira Lopes, numa iniciativa que reuniu escritores em início de carreira, estudantes e amantes da literatura.



Durante a oficina, foram abordados aspectos fundamentais da literatura infanto-juvenil, com destaque para a diferença entre literatura infantil e literatura juvenil, bem como os principais géneros literários destinados a crianças e jovens, entre os quais contos de fadas, ficção científica, literatura fantástica, aventura e poesia. O encontro serviu igualmente para reflectir sobre a importância da literatura infanto-juvenil na formação intelectual, emocional e cultural das novas gerações.

Em entrevista à equipa da **Revista Upile**, o escritor **Pedro Pereira Lopes** destacou um dos maiores desafios enfrentados por este segmento literário no contexto africano.

Segundo o Escritor:

*“em muitos contextos africanos, como o caso de Moçambique, infelizmente a literatura infanto-juvenil é a que menos vende, a que menos rende e também a menos lida”.*



Perante este cenário, o escritor defendeu uma maior aposta na criação de obras que dialoguem com a realidade local.

“Os escritores devem investir mais na criação de histórias que conversem com o imaginário das nossas crianças e jovens, usando referências locais, línguas nacionais e realidades culturais próximas”, afirmou.

Pedro Pereira Lopes falou ainda sobre o processo de publicação, sublinhando que publicar exige persistência. Dirigindo-se aos participantes que estão a iniciar a escrita, deixou uma mensagem de encorajamento:

***“Escrevam com verdade, não se preocupem em agradar. Leiam muito, observem o mundo com sensibilidade, anotem tudo e nunca desistam das primeiras tentativas”.***

A oficina decorreu num ambiente participativo e reflexivo, permitindo aos presentes trocar experiências, esclarecer dúvidas e fortalecer o interesse pela produção literária voltada ao público infanto-juvenil.

Após o encerramento da actividade, seguiu-se um momento de descontração e brinde com o escritor, reforçando o espírito de partilha, proximidade e incentivo à criação literária.

A iniciativa reforça o papel da Biblioteca Pública da Cidade de Lichinga como um espaço activo de promoção da leitura, da escrita e do desenvolvimento cultural, contribuindo para o fortalecimento da literatura moçambicana para crianças e jovens.





## "O TACTO" HOMENAGEIA MUKHWARURA NO CENTRO CULTURAL BELA VISTA EM LICHINGA



A Catedral das Artes de Lichinga, o Centro Cultural Bela Vista, sedeu na manhã de 20/12, mais um evento cultural carregado de muita nostalgia e memória, por homenagear um filho forjado nas artes e cultura de Niassa, Francelino Dalton Wilson.

A cerimónia, reuniu escritores, académicos, estudantes, amigos, familiares entre outros membros da comunidade cultural, num ambiente de celebração de Mukhwarura, imortalizado nas suas obras, em particular no **"O Tacto"**, como co-autor.

**"O Tacto"** aborda dimensões sensíveis da existência humana, convidando o leitor a ultrapassar o campo racional e apela às emoções. O lançamento destacou-se pela sobriedade e pelo respeito à memória do autor, reforçando a importância da literatura como um campo de preservação da identidade e da memória.

Na apresentação da obra, **Óscar Daniel, PhD.** sublinhou o valor literário da obra e o seu contributo para o panorama cultural local. Este momento, foi seguido pelas intervenções dos co-autores **Sakharari, Mbepozine Macheche** e **Lino Mukurruza**, que contextualizaram o livro no quadro da produção literária contemporânea, destacando a sua profundidade temática e relevância simbólica.



A música, dança e a poesia, também celebraram Mukhwarura, e na voz de Arcanjo Ritimane, ouviu-se versos da saudade, que emocionaram o público, reforçando a ligação entre a palavra escrita, a oralidade e a memória colectiva. E digno de homenagem, Mukhwarura, também dá nome a um dos salões da catedral das artes, que com simbolismo e muita emoção, Feliciano dos Santos fez o anúncio recebido com aplausos e manifestações de júbilo, pelos participantes da cerimónia.



O lançamento de "O Tacto" reforça a importância da literatura que valoriza a memória dos escritores e promove a continuidade da produção literária, contribuindo para o fortalecimento do cenário artístico e intelectual da cidade de Lichinga. Esta, foi mais uma acção em direcção certa, uma prova inequívoca de que a vida é eterna, cabe a cada um, eternizá-la. Mukhwarura, ainda vive.





## REVISTA UPILE DEFINE AS ESTRATÉGIAS DE TRABALHO E PROJECTA REVOLUCIONAR A COMUNICAÇÃO CULTURAL EM NIASA



A Revista Upile reuniu na manhã de 10/01 com parte da sua equipa de trabalho no Instituto Camões em Lichinga, com objectivo de reflectir sobre as actividades em curso e projectar as estratégias para revolucionar a comunicação cultural da província em 2026.

Num ambiente descontraído e com a aura de Camões pairando sobre si, os comunicadores da Upile, pousaram as lapiseiras e blocos sobre a mesa, e traçaram as linhas orientadoras para uma presença menos tímida e mais participativa nas comunidades. A criatividade, autenticidade, mestria e identidade literária, figuraram entre os pontos a aprimorar neste beneditino 2026.

Como guardiões das memórias, os escribas da Upile, fizeram uma fotografia de esperança face aos desafios de 2026, e levam do seu antecessor, memórias carregadas de experiências que contam mais do que estórias, uma longa viagem na ancestralidade.





Apesar da curta carreira nos corredores da cultura, a Upile pretende fazer da sua presença, esperança para quem cuja voz, gesto e bengala, nunca falaram a língua dos idiomas de nenhuma imprensa.



Mas na **REVISTA UPILE** encontram tecto e por debaixo da sombra, dão aso às suas histórias. Cada uma dessas memórias, preenche os blocos noticiosos da revista, ilumina o flash das nossas câmeras, dão voz aos gravadores e reforçam a nossa identidade. Foi reconhecendo essas necessidades e os desafios para 2026, que das mãos de Leonel Armando Mucavele, Director Geral da Revista, os colaboradores receberam parte desse material de trabalho.

Com uma equipa destemida de 10 jovens, entre colaboradores directos e parceiros estratégicos, neste 2026, o sonho da Upile ganha corpo e caminha para puberdade, com respeito e humildade para aprender dos mais velhos. Neta reunião, reforçou-se o espírito de busca e guardião da memória colectiva da identidade cultural do povo africano, moçambicano e de Niassa, em particular.



## ENTRE MÃOS ESTENDIDAS E PONTES POR CUIDAR: SILAS DE MELO ENTERTAINMENT MOBILIZA CAMPANHA SOLIDÁRIA EM APOIO ÀS VÍTIMAS DAS INUNDAÇÕES NO BAIRRO DA UP EM LICHINGA



No Bairro da UP, onde a água recente ainda parece morar na memória do chão, a solidariedade chegou antes que o silêncio se instalasse. A campanha promovida Silas de Melo Entertainment, através do movimento **"MC Saloy e Amigos"**, transformou-se num gesto coletivo de cuidado, levando às famílias afetadas não apenas donativos, mas a sensação de que a dor partilhada pesa menos.

Entre sacos de alimentos, roupas dobradas com pressa e esperança, ouviram-se vozes dos beneficiários, enquanto segurava os donativos como quem segura um recomeço, com a mesma humildade com que receberam: *"A água levou a nossa casa, mas não levou a nossa fé... Esta ajuda devolveu-nos força...Quando tudo falha, é a mão do outro que nos levanta."*

Mas a gratidão caminhou lado a lado com o pedido sereno por mudanças duradouras. Os moradores falaram da ponte como quem fala de um coração frágil da cidade, essencial, mas descuidada. Pediram às autoridades competentes que olhem para ela com atenção, que organizem o seu curso, que deixem as águas passar sem voltar a invadir casas e vidas.





Em nome da Silas de Melo Entertainment, o MC Saloy destacou que a iniciativa nasceu do dever de não virar o rosto diante da dor alheia: "Viemos para ajudar no agora, mas também para lembrar que o amanhã precisa de cuidado".



O artista das artes infinitas, hoje, largou a poesia, a mestria das cerimónias, a encenação e as telas, e no papel de activista social, driblou a angústia, a carência e algumas necessidades das vítimas da fúria das águas do rio Luchiringo. Numa plateia de sorrisos largos e passos de todas idades, a arte revelou-se terapia, onde para além dos bens oferecidos, a música e dança, sararam feridas da alma.



Ainda assim, o apelo carregado de nostalgia e sentimento de dor para a resolução do problema, devolveu serenidade ao momento, para que outros tantos apoios cheguem, mas noutras circunstâncias. Assim, entre palavras contidas e gestos simples, a campanha seguiu deixando marcas suaves, porém profundas. Enquanto as águas procuram o seu rumo natural, fica o desejo colectivo de que as pontes físicas e humanas sejam tratadas com o mesmo zelo com que, nestes dias, se estenderam as mãos.







**OPINIÃO**



# QUANDO ESTUDAR JÁ NÃO BASTA: O PARADOXO DA FORMAÇÃO SUPERIOR EM MOÇAMBIQUE

Por Ana André Mitawa

**“Sou da opinião que as universidades, institutos e todas entidades de formação superior fechem.”**

A afirmação soa extrema, quase radical, mas nasce de uma frustração profunda que se tornou comum entre milhares de jovens moçambicanos. Não se está a atacar o saber nem negar o valor da educação. Está antes, a verbalizar um cansaço colectivo que atravessa a juventude moçambicana e se inscreve no quotidiano social. Num país onde o diploma já não garante pertença, trabalho nem futuro: o sistema de ensino superior já não dialoga com as oportunidades reais do país, e os diplomas, outrora símbolos de futuro e progresso, tornaram-se objectos decorativos.



O desemprego em Moçambique atingiu um ponto em que não é possível continuar a fingir que “basta estudar para vencer”. Há anos que o país não publica vagas públicas significativas, e o sector privado continua restrito, incapaz de absorver a carga de graduados que todos os semestres saem das universidades.

A educação superior transformou-se, assim, num desporto social, onde acumular certificados serve mais para provar que “também estudei” do que para garantir meios de sobrevivência ou realização profissional.



Hoje, o Diploma do Ensino Superior perdeu o peso que antes carregava. Já não representa uma porta aberta, mas sim uma esperança adiada. E, para piorar, ouvimos nos discursos oficiais a mesma frase:

***"O certificado não é garantia de emprego-empreendam."***

Mas empreender o quê e com que meios?

Como se constrói um negócio num país onde os salários são baixos, o poder de compra é fraco e os mercados estão sobrecarregados de pequenas iniciativas idênticas? Se todos nos tornarmos empreendedores, como se sugere, quem será o consumidor, se todos estamos a vender?

A consequência desta realidade é um retorno invisível a uma espécie de era medieval das trocas comerciais, onde se produz não porque há mercado, mas, porque se precisa sobreviver, uma regressão silenciosa vestida de modernidade.

É por isso que o clamor surge: fechem-se as universidades, cancelem-se alguns cursos e reavaliem-se as políticas curriculares.

Como motivar um jovem a iniciar a Licenciatura quando o tio, formado em 2018, continua todos os dias a entregar currículos e a ser ignorado? Como acreditar num sistema que forma "o novo homem" enquanto o mercado não absorve nem o velho?

O problema não é a educação. O problema é o descompasso entre a formação e a estrutura económica do país. Moçambique continua a produzir profissionais para um mercado que não existe, alimentando um ciclo de frustração e desperdício de talentos.

Estudar é importante? Sim, sempre será. Mas não assim, não neste formato, não neste momento histórico. É preciso parar, rever e reconstruir.



Fechar temporariamente as universidades, na metáfora ou na prática, é um apelo simbólico, mas poderoso: chegou a hora de redefinir o propósito da educação superior em Moçambique. Repensar o ensino superior em Moçambique não significa negar o valor do saber, mas resgatar o seu lugar social. Significa perguntar que tipo de país se deseja construir e que papel a formação deve desempenhar nesse projecto comum. Sem essa reflexão, continuaremos a formar sujeitos preparados para um futuro que não chega.

Antes de continuar a formar “o novo homem”, é urgente criar as condições materiais, económicas e simbólicas para que esse homem e mulher possam viver, trabalhar, criar e contribuir. Só assim o diploma deixará de ser um objecto de espera e voltará a ser um instrumento de participação social. Formar por formar é alimentar ilusões; formar com propósito é construir futuro. E é nessa encruzilhada que Moçambique hoje se encontra.



**Por Ana André Mitawa**



# GESTÃO DE CARREIRA ARTÍSTICA: UMA REFLEXÃO ENTRE AVANÇOS E RECUOS NA ÁREA DA MÚSICA

Por Nazareno Alexandre Teodoro

## O dilema dos artistas: Muitos artistas têm talento, mas poucos vivem da arte

Muitos artistas acreditam que a melhor acção para iniciar e gerir a carreira artística na área da música seja empreender esforços possíveis para ser descoberto por um produtor, um manager, um empresário, uma label ou agência e projectos especializados (as) no crescimento de carreira de músico, ou ainda por formadores de opinião que serão responsáveis para sua aparição no mercado cultural.

No entanto, esse pensamento, limita no fazer artístico profissional, pois, o artista acredita que tem um período para que o sucesso aconteça, mas, na medida que este período começa a se esgotar, vem a seguir a frustração mesmo com seu talento, perdendo assim a motivação para continuar nos seus sonhos. Portanto, a sua atenção é virada apenas na acção de ser descoberto e de seguida tornar-se num artista famoso e de sucesso, deixando de lado elementos *que podem ajudá-lo bastante para o início da sua carreira e alcançar o seu sucesso.*



Assim sendo, é evidente e aconselhável que os artistas devem: planificar e controlar os resultados de que desejam alcançar ao longo da carreira (definir metas e objectivos).



Por isso que, primeiro é preciso que os artistas entendam a equação da carreira artística **(Talentos + gestão = Carreira Artística)**, pois talento sem gestão **(planificação de sua estratégia profissional, pesquisa artística, investimento em educação, planificação financeira e qualidade de vida)** é só uma diversão ou entretenimento. Portanto, os artistas devem primeiro considerar-se como um negócio, embora, que muitos deles não gostam de negócio, não levam a carreira como negócio, por isso cantam para ter fama ou aparecer.

## Gestão De Carreira Artística, Um Caminho Seguro Para Artistas

### O que é gestão de carreira artística?

“A gestão de carreira artística é o conjunto de estratégias, decisões e acções que permitem ao artista organizar, profissionalizar e expandir a sua actividade criativa. O artista é uma marca, um produto cultural e um agente de transformação social; portanto, precisa de visão, disciplina, estratégia e boas parcerias. Portanto, é o processo de planificar, organizar, promover e desenvolver a vida profissional de um artista para que o talento se transforme em renda, reconhecimento e sustentabilidade ao longo do tempo. Envolve, regra geral, a definição de um plano de carreira que deve conter uma estratégia de gestão da imagem do artista, de publicidade, de assessoria de imprensa, de assessoria de divulgação do trabalho do artista, de edição do trabalho, bem como de venda das suas apresentações” (Muocha, 2013, p. 02).

### Em uma frase:

**Gestão de carreira artística é cuidar do artista como um projecto profissional.**



## O QUE ENVOLVE A GESTÃO DE CARREIRA ARTÍSTICA?

1. *Planeamento estratégico;*
2. *Identidade e marca artística;*
3. *Produção e estratégia de conteúdos;*
4. *Marketing e comunicação;*
5. *Gestão financeira;*
6. *Negociação e contratos;*
7. *Desenvolvimento profissional.*

### Em linguagem simples

- *Gestão de carreira artística é saber onde o artista quer chegar, o que fazer para lá chegar e como viver da sua arte enquanto caminha.*

### Atenção:

- *Talento faz barulho. Gestão constrói carreira.*

## GESTÃO DE CARREIRA ARTÍSTICA NO CONTEXTO DA PROVÍNCIA DE NIASA

*É a capacidade do artista organizar o seu talento com poucos recursos, criar oportunidades onde quase não existem e transformar apresentações pontuais em fonte contínua de rendimento e visibilidade.*

### Realidade do Niassa (ponto de partida)

- *Poucos palcos formais e eventos regulares;*
- *Quase inexistência de gestores profissionais;*
- *Baixos cachês e muitos convites “por visibilidade”;*
- *Falta de estúdios, salas de espetáculo e apoio técnico;*
- *Artistas fazem tudo sozinhos: criam, promovem e negociam.*

Por isso, no Niassa, gestão não é luxo. É sobrevivência.



# O que significa Gestão de Carreira Artística na província de Niassa, na prática?

### 1. Autogestão

O artista é o próprio gestor: faz a sua agenda, ensaia, promove e cobra;

### 2. Aproveitar o que existe

Eventos comunitários, escolas, igrejas, datas comemorativas, ONGs, rádios locais;

### 3. Parcerias estratégicas

Com associações culturais, grupos comunitários, projectos sociais e municípios;

### 4. Presença digital simples, mas constante

WhatsApp, Facebook, rádio comunitária e vídeos curtos gravados no telemóvel;

### 6. Profissionalismo mesmo sem dinheiro

Pontualidade, respeito, portfólio básico, contrato simples e boa comunicação;

### 7. Formação contínua

Aprender gestão artística, direitos autorais, marketing e produção artística — mesmo de forma informal.

A gestão de carreira artística é um processo contínuo que combina planeamento, identidade, disciplina e criatividade. Um artista que domina a gestão cultural e a gestão da sua carreira aumenta sua sustentabilidade, impacto social e reconhecimento. Ela transforma talento local em oportunidade real, ou seja, quem não se gere e não é gerido, desaparece. Ademais, um músico precisa de suporte às suas acções, para que possa executar o que sabe fazer melhor: cantar, compor e realizar shows.





**COLUNA**



## (NO DJANDO)

## CHUVA, CAFEZINHO E LIVRO

Luís Madaba (Kambunga)

**Dos apitos, falamos depois.**

Época do ano em que os dias da semana são esquecidos; apenas interessam os números... 25, 26, 27... ou, na contagem regressiva, diz-se: faltam 05, 04, 03... dias para o Natal e/ou o Ano Novo. Quase todos os dias é festa, em Lichinga, com passeatas carnavalescas nas ruas da urbe, até o novo ano se instalar.

Não foi diferente naquele ano. Durante o dia, as bandeiras feitas de capulana foram baptizadas pela chuva, que quase não deu muitas horas de pausa e continuou até cair a noite. Chovia tanto. Era dia de “Unhago”; havia ali, na casa ao lado, festa de “Unhago”. O barulho da chuva sobre as chapas de zinco competia com o som da aparelhagem de milhares de watts que havia sido montada para a efeméride e quase não se ouvia a música.



Qual som era preferível, o da aparelhagem ou o das gotas intermitentes da chuva sobre as chapas de zinco? — perguntou Zastruta à sua amada esposa, quando a chuva ia branda, abanando a cabeça e dando alguns passos de dança em direcção à retrete. Tocava aquele beat, a febre do momento, Djey Djey... do ritmo “Kadhoda”, antecedido de Matakopé, Mwachome Chueweeee...



Zarastruta estava leve e fresco. Era depois de ter desfrutado da primeira volta do banquete de romance. O barulho dos gemidos não foi poupado; não havia como as crianças, sentadas na sala de estar, separada por um pano de capulana feito cortina que terminava nos joelhos, não ouvirem os gritos involuntários de celebração e exaltação do amor interferirem.

Era convidativa a chuva: chuva, café e livro, uma combinação perfeita. Havia lido isso em algum lugar. Zarastruta disse-o à sua amada depois de ler apenas uma página do livro de Bernhard Schlink — O Leitor. Como o título sugeria, Zarastruta também foi leitor: não das páginas do livro tradicional; leu outro livro, o livro da história da criação, movido pela gula que surgiu depois que leu, claro, o livro de romance O Leitor.

— Chuva, cafezinho e livro, uma combinação perfeita para um romance — disse, zombeteira, Alima, assim que Zarastruta voltou molhado da retrete, convite irresistível para entrar, mais uma vez, no calor dos braços e na doçura das páginas do livro Alima, debaixo dos cobertores.

É assim que as residências da banda são: a retrete dista uns bons metros da casa. Imaginem quando se é acometido por uma diarreia; pode-se virar um bom atleta olímpico, fruto de treinos feitos para atender à emergência de convulsão estomacal, indo e voltando da retrete.

O que Zarastruta não sabia é que Alima estava a marcar território, feito galo que canta para dizer “aqui mando eu”. É práxis: nas festas de Unhago, uma libertinagem se instala depois de uma semana ou mais vendo missangas fora do lugar nos bailados carnavalescos das meninas, e quase ninguém quer perder o pico da festa, e vira noite bacanal. Ninguém é de ninguém; dança-se com todos.



Dar belas doses de leitura do meu livro ao Zastruta fará com que não se interesse por mais nada do género durante a festa de Unhago na vizinhança — pensou e construiu, na prática, este plano Alima. E deu efeito. Depois da terceira tempestade de leitura do livro, Zastruta caiu no sono e só despertou às 4 horas do dia seguinte, com o som alto dos altifalantes no seu melhor momento. Ouvia-se lá fora vozes brandas, exibindo cansaço de voz de tanto cantar madrugada adentro: Djey Djey, Djey Djey...



Já era tarde, quatro horas da manhã, hora em que a vergonha desperta e faz o seu trabalho: tornar o seu amo um ser sensato.

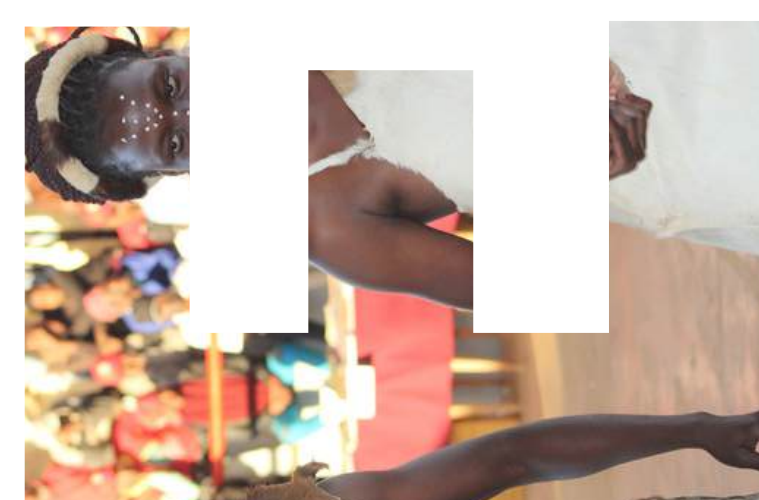
Qual som é mais agradável, o dos altifalantes no Unhago ou o da chuva sobre as chapas de zinco? Uma pergunta de Zastruta que permanece sem resposta e sem a certeza se Alima passou a noite sonhando com o belo dos astros, igual a ele na cama, ou se foi movida por um mínimo de curiosidade, “curtir” o Unhago por uns minutinhos e cedeu?!

Dos apitos, falamos depois; porém, gostaria de ser amigo dos batuqueiros e vendedores de apitos nesta época do ano.





# RESENHA





# MENDIGO: UM POEMA FEITO PARA DAR VOZ ÀS MINORIAS SEM VOZ QUE VAGUEIAM PELOS LIXÕES E CONTENTORES DA CIDADE

**Por: Ivanilson Tomás António**



O texto escrito pelo poeta Saloy, um jovem de Niassa, não é um simples texto, é um grito que vêm das ruas, onde o abandono, a fome e a miséria são uma realidade que não se esconde. Não é apenas um poema bonito, como de forma leviana se pode dizer, é uma obra que exterioriza o que muita gente vivencia e adoptou como um modo de vida normal na realidade moçambicana, mas longe de ser normal, é uma realidade que não deve ser ignorada, portanto, não normal. Dai o poema não ser apenas bonito, mas necessário.

O poema está estruturado em três momentos temporais distintos que interconectados dão sentido a sua mensagem: o presente, o passado e o futuro distante da realidade.

Neste poema, Saloy exterioriza o sentimento que lhe queima a alma perante as desigualdades sociais, a pobreza e a miséria que levam pessoas a indignância e reivindica o facto de não ter nascido num ambiente com aquilo que se pode chamar de “mínimo necessário”, que foi defendido por John Rawls. Como se segue nos excertos a seguir:

*“Eu também queria ser tratado como príncipe;*

*Eu queria também ser como esse filho de riquinho que vocês levam à escola;*

*Mas encontro apenas arroz estragado dentro duma sacola”*



Num outro momento, Saloy revela seu desamor pelo pai, ao sentir que mesmo estando no ventre da sua mãe, já não era querido por este, e só não sofreu aborto devido ao amor da sua mãe, que mesmo diante da vida miserável que tinha decidiu não abortar a gravidez, como se segue neste extracto:

*“Eu no ventre ainda ouvia;*

*Tira esse lixo, não é meu;*

*Lembro que era meu pai que não me queria, mesmo vindo de lá, ele me queria de volta no céu;*

*...Mais a minha mãe deprimida queria apenas uma criança para viver”*

*Nesta estrofe, Saloy desempenha duplo papel, ao ser poeta e ao mesmo tempo activista social, quando por um lado, chama atenção ao Estado para a formulação de políticas públicas que visam reduzir a pobreza, as desigualdades sociais, e por conseguinte, da mendicidade infantil, mas, por outro lado, reivindica que a pobreza não dá o direito a quem quer que seja de ser juiz da vida, para decidir se uma criança vive ou morre, pois a vida somente a Deus pertence.*

Este poema foi nitidamente bem estruturado e explorado, organizado em versos e estrofes. No texto, Saloy trás uma peculiaridade dos poemas contemporâneos, pois na sua mancha gráfica utilizou versos livres, também chamados de “versos brancos ou soltos” são versos fora do estilo tradicional, sem rimas, um estilo característico dos escritores da actualidade, como se segue:

*“Eu não escolhi ser mendigo;*

*Vocês fizeram-me viver no lixo.”*



Por outro lado, o texto explorou versos com rimas tradicionais (forma muito explorada por escritores como Mário Janguia no seu livro intitulado “O Sussurro dos Ventos” e pelo Padre Manuel Fereira na sua obra “Serenidade”, tal como como se pode ver:

“Ainda que não tenham nada, mas me dê algo para comer;

Não tenho onde viver;

Não tenho o que comer;

Pela fome e no frio me vais ver gemer”

Pelas suas lamentações, Saloy volta a disparar e a insurgir-se contra o Estado, quando sente que pouca atenção se dá aos mendigos, indigentes e aos sem teto, principalmente crianças, conforme diz neste verso: “Nem direitos e nem deveres que te possam proteger”.

Saloy explora de forma emotiva e sentimentalista várias figuras de estilo como é de praxe em textos literários, tais figuras são: **Metáfora**: “*Eu sou filho do contentor e neto do resto*” ... “você fizeram-me viver no lixo”; **Anáfora**: “Não tenho onde viver” ... “Não tenho o que comer”; **Antítese**: “Eu queria também ser como esse filho de riquinho que vocês” ... “Mas encontro apenas arroz estragado dentro duma sacola,” só para citar algumas.

O poema termina o seu desabafo com o mendigo a clamar por ajuda e oferecendo-se a quem tenha comida para o alimentar como seu filho adoptivo como forma de garantir que tenha um futuro, mesmo que incerto, conforme de pode depreender: “*tio me leve até a sua casa, me dê uma escola, pratos para lavar, pós quero também me sentir pessoa*”.







**ENTRE VERSOS**



(ESCRITA D'APELO)

## QUANDO O SINAL FALA

*Autora: Joyce Juju Michaque*



O sinal vermelho grita:

Pare.

Mas a pressa responde:

Só mais um segundo.

O volante treme,  
o coração acelera,  
e o destino observa,  
silencioso.

Na estrada da vida  
não vencem os mais rápidos.  
Vencem os que chegam.

Cada curva é escolha,  
cada travagem é respeito,  
cada cinto apertado  
é amor pela vida.

Porque viver  
não é correr contra o tempo,  
é aprender a caminhar sem  
perder-se.

O trânsito é um espelho:  
revela quem somos.

E alguns só aprendem  
quando já é tarde demais.

Então ouve:

a vida não é repetição,  
não tem ensaio,  
não tem segunda chance.

Preserva-a.

Protege-a.

Conduz com cuidado.

Pois um simples segundo  
pode salvar uma história inteira,  
e permitir que alguém  
continue vivendo,  
amando,  
sonhando.

A vida é dom.

E todo dom merece ser cuidado.



## “VOO RASANTE”

Por Gervásio Nhampulo

O ecrã acende-se como uma aurora artificial.

Um aviãozinho vermelho corta o silêncio,  
subindo, subindo,  
prometendo céu a quem já não sente o chão.

Há um coração cansado a olhar esse voo,  
um coração que já perdeu tantas vezes  
que quase se confunde com o próprio vazio.

O Aviator sobe.  
E com ele sobe a ilusão de que a dor pode ser convertida  
em números, em sorte, em algum milagre digital.

Mas o avião não leva ninguém  
apenas empurra para mais um risco,  
mais uma espera,  
mais uma queda.

E quando ele desce,  
desce também a alma,  
como se o fracasso fosse  
uma sentença escrita no ar.



Mas a verdade é outra:  
não é o jogo que destrói,  
é a solidão de apostar a própria vida  
num clique.  
É a esperança cansada de  
procurar saídas  
em portas que só fecham.

Entre o impulso de perder tudo  
e o desejo escuro de  
desaparecer,  
há ainda um sopro —  
um fio mínimo, mas vivo —  
que chama pelo teu nome.

Não é a queda do avião que  
define o teu destino.  
Não é o jogo que decide o teu  
valor.

E não é a dor que te condena:  
é apenas um grito que ainda  
não encontrou abraço.



Há caminhos que não passam por telas,  
nem por silêncio,  
nem por despedidas.

Há mãos que ainda te procuram,  
mesmo que tu já não vejas.

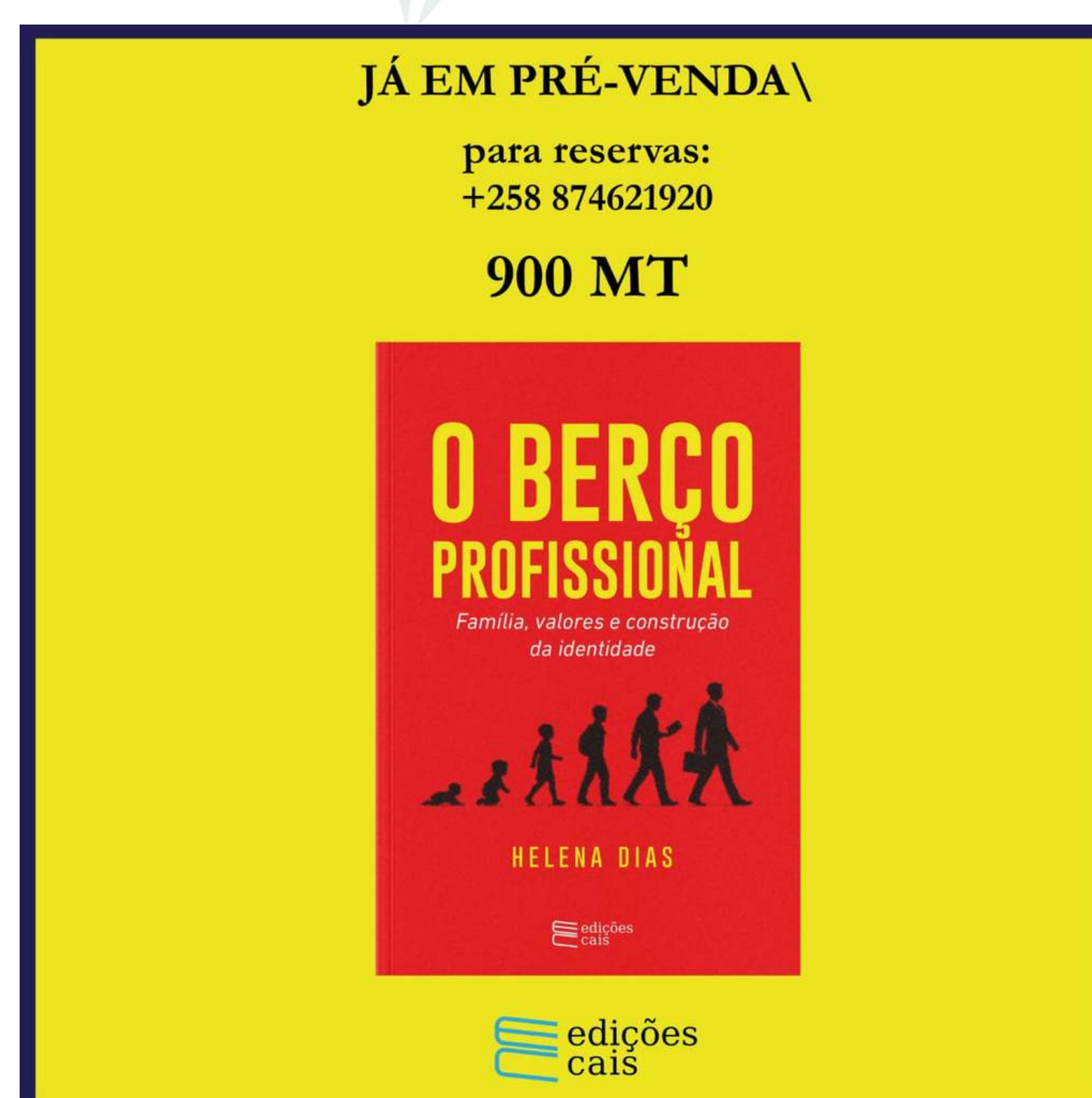
Há vida que insiste em ti,  
mesmo quando tu já não insistes nela.

Há caminhos que não passam por telas,  
nem por silêncio,  
nem por despedidas.

Há mãos que ainda te procuram,  
mesmo que tu já não vejas.

Há vida que insiste em ti,  
mesmo quando tu já não insistes nela.

**PUB.**





## ÁFRICA: NÃO SOU COR

Por Elifa Gabriel

- Entre luzes apagadas
- Chamas desligadas
- Não sou cor
- Preto, branco, não sou cor
- Mesmo que ande pela rua
- Seja vista nua
- Seja dita horror
- Não sou cor
- Sou África
- Grito: pele e osso sou África
- Entre o vermelho e o dourado sou África
- Preto, sou carvão, sou África!



**PUB.**

JÁ EM PRÉ-VENDA\

para reservas:  
+258 847265742/ 866352930

900 MT



edições  
cais





**DEVANEIOS**



# O HOMEM, A MULHER E O PANO VERMELHO: ANOTAÇÕES SOBRE O AMOR YAO

*Por Daniel Antônio Marcos*

O sol poente dourava o campo de jogo de terra batida. A poeira levantada pelos pés descalços assentava lentamente, como um véu sobre a cena. Dois homens, com as marcas do tempo e do trabalho nas faces, conversavam apoiados numa bicicleta enferrujada, símbolo máximo de status noutra era. Em volta, jovens ouviam, como se a ancestralidade lhes sussurrasse aos ouvidos através daquela voz rouca.



*“Uwe wa yao uwe”,* começou um, cuspiendo no chão para pontuar a verdade universal que ia proferir. “Nós, os Yaos. Nós temos razão de vadiar. Imagina: tua mulher tem uma semana de ciclo. Faz um cruzamento três vezes no mês. Nos outros dias, cansaço. Apanha sono como se tivesse estado a lavrar a machamba todo o dia, quando só lavou roupa e foi ao mercado. Ela só te dá três vezes. E tu, homem, o que fazes?”

O outro acenou, num movimento lento e grave de cabeça que era mais do que concordância; era a confirmação de um código. “Procura outra. É ali onde sai xilombalonba.” O termo, “casar consecutivamente”, pairou no ar, pesado e prático. A poligamia ali não era debate filosófico; era logística íntima. Era a solução para a equação do desejo masculino, considerado infinito, e do cansaço — ou da indisposição — feminina, aceite como natural. Os jovens em volta murmuravam aprovação. A lógica parecia, naquele quadro, irrefutável.



Mas a pergunta flutuava, não dita por nenhum dos jovens, mas visível nos seus olhos: e o sustento? E o coração? O homem, porém, já respondia à objeção não formulada. Era por isso que os mais velhos tinham duas, três mulheres. Quando uma não desse, ia à outra, depois à terceira. Uma rede de segurança para o *“clímax dos seus desejos”*. *“Hoje não entendemos este contexto”*, disse ele, com um misto de orgulho e lamento. *“Eles faziam isso com ciência. Não é esta poligamia de agora, falada sem se palpar a verdadeira motivação.”*

E pintou o quadro de um passado maravilhoso, honesto. Um homem, mesmo sem bens, tinha as suas mulheres. Cada uma com a sua machamba, vivendo sem as grandes rivalidades de hoje, onde tudo se mede pelo material. A submissão da mulher era descrita não como opressão, mas como *“saída”* — um pacto de sinceridade. A mulher sabia: *“Estou de ciclo, não estou bem.”* E, num acto de reconhecimento quase ritualístico, colocava um pano vermelho ou missangas vermelhas em cima da cama de pau e rede, sobre o colchão de saco cheio de folhas de bananeira. O sinal era claro, respeitado. Nada de romances naquela noite. No dia seguinte, o homem, sem culpa nem conflito, seguia para a outra casa, para *“saudar de forma amorosa”* a outra parceira. Era um sistema de comunicação íntimo e público, que mantinha a paz e satisfazia o apetite.

*“E a paixão?”*, atreveu-se um jovem, num momento de pausa no jogo. *“O homem não tinha amor? Só queria satisfação?”*

*“E a paixão?”*, atreveu-se um jovem, num momento de pausa na resposta veio rápida, carregada do peso de um mundo diferente. O amor daquele tempo era outro. Não era feito de carícias à luz do dia. Acontecia na escuridão absoluta do quarto, onde ninguém via a cara do outro. *“Era tábu”*, duro, directo. Por isso, diziam, alguns hoje não sabem o que é um afecto na base de um beijo. Mas o amor acontecia. À maneira daquele tempo.



A conversa seguia, navegando entre as minas da África do Sul, onde os homens emigravam para comprar a tal bicicleta, e os constrangimentos do presente. O narrador justificava: naquele tempo, era necessário ser honesto. Hoje, tudo está distorcido pelo materialismo e pela hipocrisia. “O homem sempre vai ser um vadio”, sentenciou. “Se sente que algo não está bem em casa, sai, vai procurar.” A sua filosofia era crua: a mulher, na cultura Yao que ele descrevia, “não deve ficar na cama só para dormir dias e dias”. É receptora. O homem é provedor — não só de bens, mas de semente — e ela, do acolhimento. O apetite do homem é incansável. “Só repousa na menopausa, isso quando se confirma que o menino já não levanta mais para voos eróticos.”

O silêncio que se seguiu não era de concordância plena, mas de digestão. O jogo recomeçou, a bola rolou sobre a terra. O homem encostou-se à sua bicicleta, artefacto de um mundo que já não existia. A sua crónica terminara.

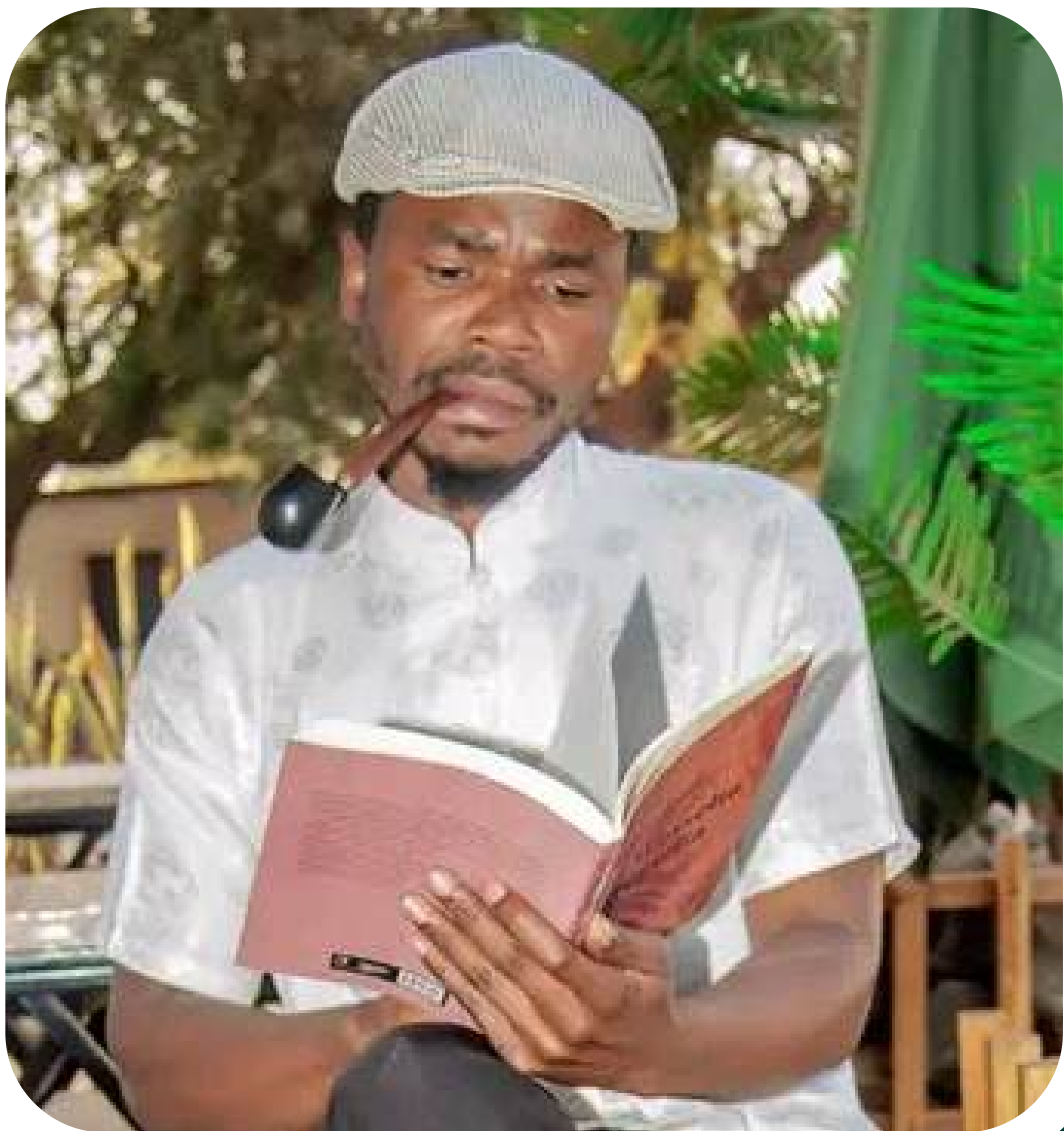
Mas as perguntas que lançara ao vento poeirento permaneciam, mais complexas do que qualquer jogo. Era aquele um relato nostálgico de uma harmonia perdida ou a racionalização de um domínio ancestral? O pano vermelho sobre a cama era um sinal de respeito ou de uma divisão fundamental dos corpos e dos seus tempos? A poligamia “honesta” do passado, baseada na subsistência e num código partilhado, é preferível à “amantização” clandestina e materialista do presente?

A conversa na beira do campo não respondia. Apenas expunha, com a rudeza de uma faca de machamba, os contornos de uma relação amorosa moldada por necessidades, sinais silenciosos e uma ideia inquestionada do desejo — um desejo masculino apresentado como força da natureza, um rio que, se não encontrar leito numa esposa, irá inevitavelmente cavar o seu curso noutra.



# L'ÉTRANGER E A ABSURDIDADE DA VIDA O SUICÍDIO — EIS A RESPOSTA?

*Por Ramos António Amine, Professor de Filosofia*



Aquele que, desde há anos, exigia a tua reforma, partiu. Partiu longe, em terras outras, quando tu já te tornavas uma figura deslocada quase uma Joaquina errante, num país que insiste em adiar os seus próprios acertos.

É um facto: nos meandros do feitiço simbólico da vida social, ninguém sai ileso. Houve quem decidisse pôr um PRONTOS, como no poema, à própria existência.

Cansara-se de tudo?

De uma vida desiludida? Não é simples responder. Era homem de literaturas, e as literaturas são vidas multiplicadas. Quem vive muitas vidas raramente se ilude de uma só.

De uma natureza desnutrida? Também não. Havia sinais de vitalidade quotidiana, pequenos desejos ainda acesos, como quem pede um fruto simples para lembrar que o corpo persiste.

Terá, então, vagueado em sonhos sublimes, à procura de um bem perfeito, intacto, sem ruína?

Talvez.

Ou terá confundido esse bem com uma promessa que dança conforme a música do poder – ancas ideológicas que se oferecem ao chefe de turno?



Aquele que, desde há anos, exigia a tua reforma, partiu. Partiu longe, em terras outras, quando tu já te tornavas uma figura deslocada quase uma Joaquina errante, num país que insiste em adiar os seus próprios acertos.

É um facto: nos meandros do feitiço simbólico da vida social, ninguém sai ileso. Houve quem decidisse pôr um PRONTOS, como no poema, à própria existência.

A resposta, diria Heidegger, talvez resida naquela voz silenciosa da consciência que, em certos instantes, se desprende do mundo antes mesmo de o corpo o fazer.

Ó prostituta,

Ele não aguentou mais. E o corpo? Pouco importa agora o rito: cremação ou caixão, flores ou ausência delas. O que resta é a pergunta – quem vela quem nunca teve repouso?

Os pais já não estavam. Restavam fragmentos de afeto: um tio, irmãs, talvez alguém que o escutou num salão público, quando apresentou um livro que já denunciava, em alegoria, a necessidade de reforma.

E a família construída? Não sabemos. A modernidade letrada multiplica encontros, mas adia compromissos. Não por maldade, mas por desenraizamento.

Teria ele lido O Naufrágio do Sorriso?

Ou ao menos o poema PRONTOS?

Se o tivesse lido, quem sabe, talvez o suicídio não lhe tivesse parecido resposta à absurdidade da vida. Talvez.



E se a tal prostituta for, afinal, a nossa própria Constituição, eternamente prometida à reforma, sempre submetida a auscultações que pouco escutam?

Não te desejo um requiescat in pace. Essa fórmula serve às almas reconciliadas.

Como descansar em paz quem não teve paz em vida?

E mais:

lá onde vais, não existe “lá”.

Existe apenas o absurdo

e a pergunta que deixaste suspensa.

**PUB.**

**ALFAIATARIA  
PATY-MODAS, SU, LDA**  
COSTURA COM ELEGÂNCIA



**Serviços**

- Confecção de todos tipos de vestuários para crianças, jovens, mulheres e homens
- Uniformes escolares para jardins infantis (creches)
- Batas para professores, médicos, enfermeiros e técnicos de saúde
- Uniformes para formandos dos institutos de saúde
- Togas, Batinas e faixas para cerimónia de graduação

Tudo isso com preços acessíveis,  
Profissionalismo e atendimento personalizado

**Qualidade garantida**

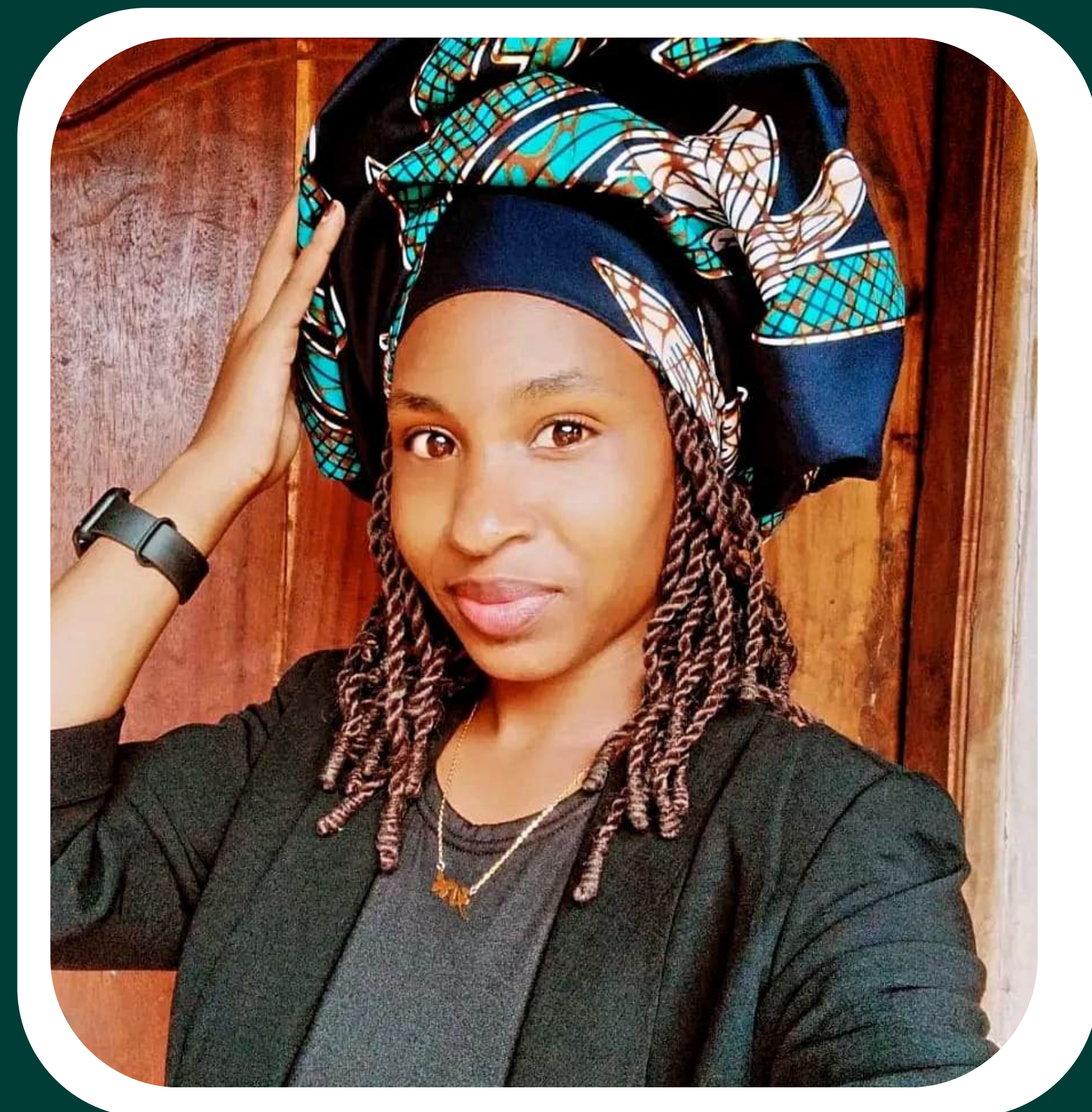
**Contacte-nos**  
860020090 845203227  
867703987  
E-mail:  
alfaiatariapaty-modas@gmail.com  
Av. Filipe Samuel  
Magaia em frente da  
pensão ponto final  
Lichinga



## À MARGEM DO REGRESSO

*Por Ana André Mitawa e Leonel Armando Mucavele*

De gota a gota, o velho Luchiringo inundou as tradições e saturou as drenagens, numa urbe onde já escasseiam gotículas para jorrar nas torneiras. Falou o idioma da abundância numa terra de estiagem. As palhotas, essas viveram momentos de terror, onde a busca pelos bens, era pelo maior de todos, a vida.



Olhares assistiam aquele filme sobre o Luchiringo, com a mesma curiosidade de há anos. Nada de novo, com personagens de sempre, ainda assim, era matéria para o horário nobre; seus mimos continuam merecendo audiências; uma curta-metragem que ainda gera engajamento, os selfies, monetiza para os influencers, quanto para os de acção de benevolência.

Na sua fúria, Luchiringo galgou a ponte, deixou de ser caminho e passou a ser fronteira. Onde antes o quotidiano atravessava sem pensar, crianças a caminho da escola, vendedores empurrando sonhos em carrinhas, bicicletas, bacias improvisadas, famílias regressando a casa agora só há água espessa, suja, silenciosa e ameaçadora. A ponte submersa não interrompeu apenas a circulação; suspendeu vidas.

À beira do rio, os moradores observam em silêncio. Há quem segure sacos, quem aperte crianças contra o peito, quem fique parado, como se esperar pudesse baixar o nível das águas. O olhar é de quem perdeu o chão sem sair do lugar. Não é apenas a impossibilidade de voltar para casa, é o medo de não saber o que ainda resta dela.



Para muitas famílias, o regresso foi adiado sem data. Casas ficaram do outro lado, algumas engolidas pela água, outras cercadas por um rio que decidiu ocupar mais espaço do que lhe era permitido. Os bens domésticos, construídos aos poucos, com esforço diário, tornaram-se lembranças molhadas. Panelas, colchões, documentos e mercadorias misturaram-se à lama, nivelados pela força da corrente.

Há revolta contida, mas sobretudo há cansaço. Cansaço de quem vive à mercê das chuvas, de quem depende do comércio informal e vê no alagamento não apenas uma tragédia natural, mas um golpe directo à sobrevivência. Cada dia sem atravessar a ponte é um dia sem vender, sem trabalhar, sem garantir o amanhã, que o hoje sempre irá cobrar.

Entre os moradores, surgem histórias sussurradas: famílias divorciadas em margens opostas, idosos que contam a décor a estória e crianças que desejam navegarem nas suas águas. A ponte, agora visível ao microscópio, transformou-se num símbolo duro de isolamento, a bandeira do estado de sítio, de como num instante tudo pode mudar ao afogar da ponte.

Nenhuma presença traz alento ou disfarce, nenhuma intervenção, torce o hábito e as manias do velho Luchiringo. Mas toda assistência é recebida com gratidão silenciosa, ainda que a esperança caminhe com cuidado, como quem teme esgotar.

Depois das audiências e do anúncio da época do unhago, o velho Luchiringo seguirá o seu curso, com o espírito de missão cumprida. Trará de volta a ponte, mas com as marcas na memória de quem ficou à margem, nos passos interrompidos, na sensação amarga de olhar para casa e não conseguir alcançá-la. Porque, hoje, não foi só a ponte que ficou submersa. Foi também a certeza de um regresso, ainda nesta ou na próxima época, e sempre afogado pela força das águas, em mais uma memória do velho e rabugento, Luchiringo.





# SINOPSE



# EPISÓDIO 1 | SAUDADES VS JORNADAS

## UMA CARTA TRANSFORMA-SE EM CONFISSÃO

Num arraial temido, um amor nasce fora das regras, onde a diferença social pesa mais que o sentimento. Entre partidas forçadas, saudades que doem e caminhos sem mapa, o Poeta Escriba atravessa a perda, a raiva e a solidão. No meio do nada, encontra Cristo e esse encontro muda tudo. Entre o que ficou para trás e o voo que não pode perder, este episódio revela a luta real de quem ama, cai, crê e continua a caminhar.

Uma carta transforma-se em confissão, quando é escrita ao amigo, Munaka. Fala de uma moça, Arlete, no arraial dos delicados patrícios, o mesmo pedaço negro. Prosseguiu e apaixonou-se de dia por ela. O jovem de uma vestimenta sem régua (desafortunado), o actor mesmo assim luta por um amor com a certeza acesa: não houve magia, reza ou esperteza para que a tomasse a plebeia, com o sangue verde escorrendo em suas veias.



**Poeta Escriba** luta contra o destino, rejeição da família da Arlete. Gervásio e Simba, soldados da ordem e do silêncio, guardiões da plebeia, muito dificultam a aproximação do Escriba à sua amada, que mesmo assim, contra todas expectativas, enfrenta o destino a busca uma história de amor por Arlete. Mesmo distante de si, suas origens, vagueia num sentimento profundo, que nem um vagabundo, governando numa terra alheia, vivendo de qualquer das maneiras, com uma e única testemunha da sua desgraça, seu amigo Julinho, a quem suas noites vazias, dias sem rumo, dos copos amargos e das palavras que só encontravam eco no vento, confiava alento.



Num arraial temido, um amor nasce fora das regras, onde a diferença social pesa mais que o sentimento. Entre partidas forçadas, saudades que doem e caminhos sem mapa, o Poeta Escriba atravessa a perda, a raiva e a solidão. No meio do nada, encontra Cristo e esse encontro muda tudo. Entre o que ficou para trás e o voo que não pode perder, este episódio revela a luta real de quem ama, cai, crê e continua a caminhar.

Uma carta transforma-se em confissão, quando é escrita ao amigo, Munaka. Fala de uma moça, Arlete, no arraial dos delicados patrícios, o mesmo pedaço negro. Prosseguiu e apaixonou-se de dia por ela. O jovem de uma vestimenta sem régua (desafortunado), o actor mesmo assim luta por um amor com a certeza acesa: não houve magia, reza ou esperteza para que a tomasse a plebeia, com o sangue verde escorrendo em suas veias.

**Poeta Escriba** luta contra o destino, rejeição da família da Arlete. Gervásio e Simba, soldados da ordem e do silêncio, guardiões da plebeia, muito dificultam a aproximação do Escriba à sua amada, que mesmo assim, contra todas expectativas, enfrenta o destino a busca uma história de amor por Arlete. Mesmo distante de si, suas origens, vagueia num sentimento profundo, que nem um vagabundo, governando numa terra alheia, vivendo de qualquer das maneiras, com uma e única testemunha da sua desgraça, seu amigo Julinho, a quem suas noites vazias, dias sem rumo, dos copos amargos e das palavras que só encontravam eco no vento, confiava alento.

Poeta Escriba afoga suas mágoas no jogo de bau com a sua malta quando não busca pelo Cristo, através da Farnácia, uma jovem devota na fé, enquanto as portas do palácio não se abrem para o amor.

Uma novela cheia de histórias, de amor, profundidade espiritual e muita identidade de Niassa.



# MINHA BIO





## HOMENAGEM- GRUPO ILALA



No longínquo ano de 1923, nas terras aráveis e encentrais de estórias de Sanga, nascia um grupo, que o tempo fez dele filho de todo Niassa. Fruto das comunidades, seu legado respira espírito e alma da vivência dos povos. Os ritos, as celebrações e todas pompas de circunstâncias de Niassa, foram sequestrados e vivem refém de suas actuações. O grupo ILALA, sobreviveu uma centena de tempos e as actuais gerações revêm sua história em cada uma das suas aparições.

O nome ILALA surgiu em homenagem ao navio que no dia de chegada concentrava massas para a recepção e o grupo por também ser apreciado pela população para assistir suas actuações, decidiu se atribuir o nome ILALA. Mas antes de 1923, era djidi, e passou para cangoge e depois ficou conhecido por cadirele. E foi como Ilala que de Sanga, se estende para outros cantos. Seus passos morram em pessoas de ambos sexos e idades, representa um momento de expressar alegria, durante a noite ou dia.



As suas canções retractam a coesão social, a harmonia, a educação das comunidades face aos diversos problemas do quotidiano.



Usam batuques e latas para animação da dança, como instrumentos. A Liderança do grupo é atribuída a uma figura denominada Major, seguida de Mwanafunzi e o restante dos membros. Não tem um número limite dos membros.

De presença inconfundível, o símbolo de unhago, Ilala, preserva uma identidade que perdura gerações. A camisa branca, um símbolo de paz; calção preto, em reconhecimento do sofrimento e lutas vividas; e o laço vermelho, fala mais do que um simples aditivo, é a expressão máxima de elegância e valor do maior líquido do ser humano.



Donos dos grandes eventos e momentos mais marcantes da história de Moçambique, conhecem os maiores palcos do país e lembram com nostalgia a declaração da independência nacional. Consideram-se anfitriões dos Festivais Nacionais de Cultura- FNC, com aparições nas edições de Manica-2010, Inhambane 2012, Nampula 2014, Sofala 2016 e Niassa- 2018; e terminando na fase provincial na edição de 2023. Antes, porém, tinham dominado os palcos de extinto Festival de Música e Danças Tradicionais em 2007, representando exemplarmente o distrito de Sanga e a província de Niassa.

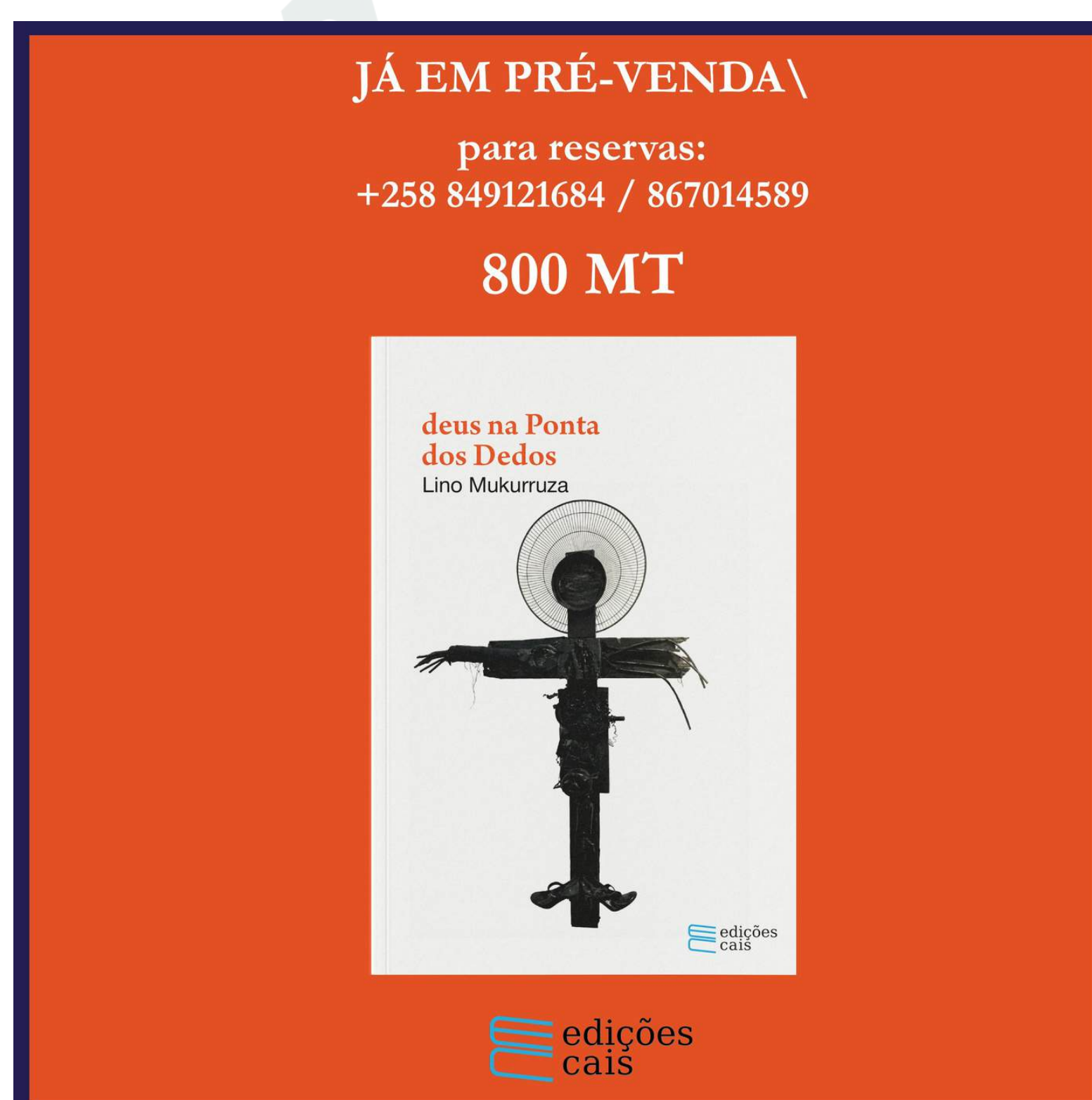
As participações em festivais permitiram troca de experiências com demais autores do país, o que lhes confere o título de guardiões de memórias e valores atemporais dos povos. Esse percurso rendeu ao grupo diversas homenagens e certificações de participação, diplomas de honra, títulos honoríficos, reconhecimento formal das autoridades culturais.



A glória do grupo é também reconhecida nas comunidades, onde também são cartão-de-visita e maior atracção das festas privadas, cerimónias de graduações e em eventos entre distritos, que constituem outras ocasiões de exaltação da cultura de Niassa.

Actualmente, o grupo ILALA vive momentos de adaptação após a perda do líder e co-fundador do grupo, Saíde Omar Ncauo em 2023, porque sempre que actua, lembra ele. Desde lá, o grupo deseja ajuda em instrumentos (bataque, roupa), porque no momento depende de contribuições dos membros. Por isso, insta-se a pessoas de boa vontade a prestar apoio necessário ao grupo.

**PUB.**







**CRIAÇÃO ARTÍSTICA**



## UPILE N'O TACTO



Houve um dia em que a literatura não pediu voz, pediu mãos. No Centro Cultural Bela Vista, em Lichinga, "O Tacto" nasceu como nascem as coisas que importam: em silêncio, em memória, em profundidade.

A obra, lançada em memória do Mukhwarura, apresentou-se como um corpo sensível: páginas que não se lêem apenas com os olhos, mas com a voz da alma. "O Tacto" não se explicou, sentiu se nos corações.

A Upile registou o instante como quem segura uma chama frágil: com cuidado, com consciência de que ali não se tratava apenas de um livro, mas de uma ausência que ainda fala.

Quando as luzes se suavizaram e o público começou a dispersar, algo ficou no ar, uma alegria serena, misturada à saudade, como quem aprende que lembrar também pode ser um acto de festa. E a Revista Upile, levou consigo esse instante raro, onde a homenagem se fez nome, espaço e movimento.

Porque há livros que se lêem. Há livros que nos tocam. E há gestos que transformam a memória em eternidade. E a Upile esteve lá para sentir, guardar e contar essa história.

Porque há livros que se lêem. Há livros que nos tocam. E há gestos que transformam a memória em eternidade. E a Upile esteve lá para sentir, guardar e contar essa história.







**PERGAMINHOS**



## (ESCRITA D'APELO) O ÚLTIMO PASSAGEIRO



O sol ainda nem tinha nascido quando Ernesto ligou o motor do seu táxi de livre-trânsito. Era um carro simples, amarelo já meio gasto pelo tempo, mas para ele era mais do que um veículo. Era sustento, era rotina e, de certa forma, era companhia.

As ruas de Lichinga ainda estavam vazias. Apenas o silêncio e o vento frio cortando o ar. Ernesto gostava desse horário porque parecia que o mundo ainda estava em modo de espera, sem pressa, sem buzinas, sem correria.

No retrovisor, ele sempre repetia a mesma frase para si mesmo- “A vida é como o trânsito: quem corre demais pode nunca chegar.”

As ruas de Lichinga ainda estavam vazias. Apenas o silêncio e o vento frio cortando o ar. Ernesto gostava desse horário porque parecia que o mundo ainda estava em modo de espera, sem pressa, sem buzinas, sem correria.

No retrovisor, ele sempre repetia a mesma frase para si mesmo- “A vida é como o trânsito: quem corre demais pode nunca chegar.”

Mas naquele dia, o movimento cresceu rápido. A pressa tomou conta da cidade. Buzinas, gritos, ultrapassagens perigosas. Cada rosto que entrava no carro carregava urgência, como se cinco minutos decidissem o destino do mundo.



O sol ainda nem tinha nascido quando Ernesto ligou o motor do seu táxi de livre-trânsito. Era um carro simples, amarelo já meio gasto pelo tempo, mas para ele era mais do que um veículo. Era sustento, era rotina e, de certa forma, era companhia.

As ruas de Lichinga ainda estavam vazias. Apenas o silêncio e o vento frio cortando o ar. Ernesto gostava desse horário porque parecia que o mundo ainda estava em modo de espera, sem pressa, sem buzinas, sem correria.

No retrovisor, ele sempre repetia a mesma frase para si mesmo- “A vida é como o trânsito: quem corre demais pode nunca chegar.”

Mas naquele dia, o movimento cresceu rápido. A pressa tomou conta da cidade. Buzinas, gritos, ultrapassagens perigosas. Cada rosto que entrava no carro carregava urgência, como se cinco minutos decidissem o destino do mundo.

No fim da tarde, Ernesto pegou sua última corrida.

Um jovem, talvez com pouco mais de vinte anos, entrou apressado:

–Tio, acelera, por favor. Estou atrasado!

Ernesto respirou fundo. –Vou levar-te, mas rápido não significa seguro.

O jovem riu. –Tio, todo mundo vive correndo. Só o senhor anda devagar.

Ernesto olhou o rapaz pelo retrovisor e respondeu com calma: – Já levei muita gente para o hospital viva. E já transportei outras.. que nunca mais voltaram. Toda pressa tem um preço, e algumas não aceitam pagamento de volta.

O rapaz ficou em silêncio.

Quando chegaram ao cruzamento principal, um carro surgiu em alta velocidade, furando o sinal vermelho. Ernesto freou bruscamente. O coração do jovem quase saltou do peito, da boca e tudo fosse orifício.



O silêncio pesou.

–Se eu tivesse acelerado só um pouco mais... – murmurou Ernesto.  
O jovem engoliu a seco e, pela primeira vez, percebeu que a vida não era tão garantida quanto imaginava.

Ao sair do táxi, virou-se e disse: — Obrigado, tio. Hoje aprendi que viver não é correr, é chegar.  
Ernesto sorriu.

Ligou o carro de novo, mas antes de avançar, fez sua última reflexão: «No trânsito e na vida: pressa mata, cuidado preserva. A vida é dom, e cabe a nós protegê-la».

**PUB.**





## O GOLE DA VERGONHA

Aqui é Niassa. Onde o frio corta a pele, mas o sangue ferve... Espera, eu disse FRIO ou disse RIO? Acho que me confundi é este vinho... Porque vejo o dinheiro público virar um rio. Que corre directo para o bolso de quem faz o desvio. A conta do chefe enche, transborda, vira um navio, E o prato do povo? Esse continua vazio. Eu olho para estrada e não rio.



Eu olho pro hospital e não rio. Mas o corrupto olha para nossa cara... e ri-o! Ele ri-o do sistema que ele mesmo faliu, Ele ri-o da promessa que nunca cumpriu.

Então, meu irmão, a previsão do tempo mentiu: Enquanto eles nadam nesse rio de frescor sombrio, para nós, o que sobra é só tremer de frio. Dizem com orgulho nos discursos oficiais: "Bem-vindos à terra da batata-doce". Mas eu olho para os meus irmãos e pergunto: Doce? Doce para quem? Porque para o povo, a vida não tem açúcar. A única coisa que corre doce nestas esquinas é o tal frescor milagroso. Aquele sumo maldito, invisível, que lubrifica o bolso do chefe e seca a nossa esperança.

Não me venham com sorrisos amarelos e mãos estendidas na repartição pública. Eu conheço esse código. O funcionário olha para o tecto, a caneta para no ar, o sistema "cai". Tudo trava. Tudo é lento. A burocracia é um muro de pedra. Mas basta sussurrar a palavra mágica, basta oferecer o frescor... E de repente, Aleluia! O milagre acontece. O carimbo bate, a cancela abre, a multa desaparece, o documento sai.



Que terra é essa onde o direito do cidadão virou mercadoria de balcão? Onde o mérito de um jovem estudioso perde para o gole oferecido pelo filho de alguém importante? Vocês transformaram o Niassa num mercado de favores. “Ajuda aí, chefe”. “Dá um fresco para o calor”. O vosso fresco tem gosto de sangue. Cada gole que vocês dão na corrupção, é uma criança sem livro. É uma mãe parindo no chão do hospital. É um jovem sem emprego porque a vaga já tinha dono antes do concurso abrir. Somos a terra da batata-doce, sim! Deveríamos ser a terra do sustento, da fartura, do trabalho honesto que brota do chão. Mas enquanto o fresco for a moeda de troca, continuaremos a engolir sapos.

Para quem a carapuça servir: A paciência do povo mora solteira, e ela já cansou de esperar. Neste momento, eu recuso o vosso fresco. A minha sede é de verdade e o vosso Fresco não mata a ela, e nunca matou!

***(Vergonhoso é ter orgulho da Vergonha)***

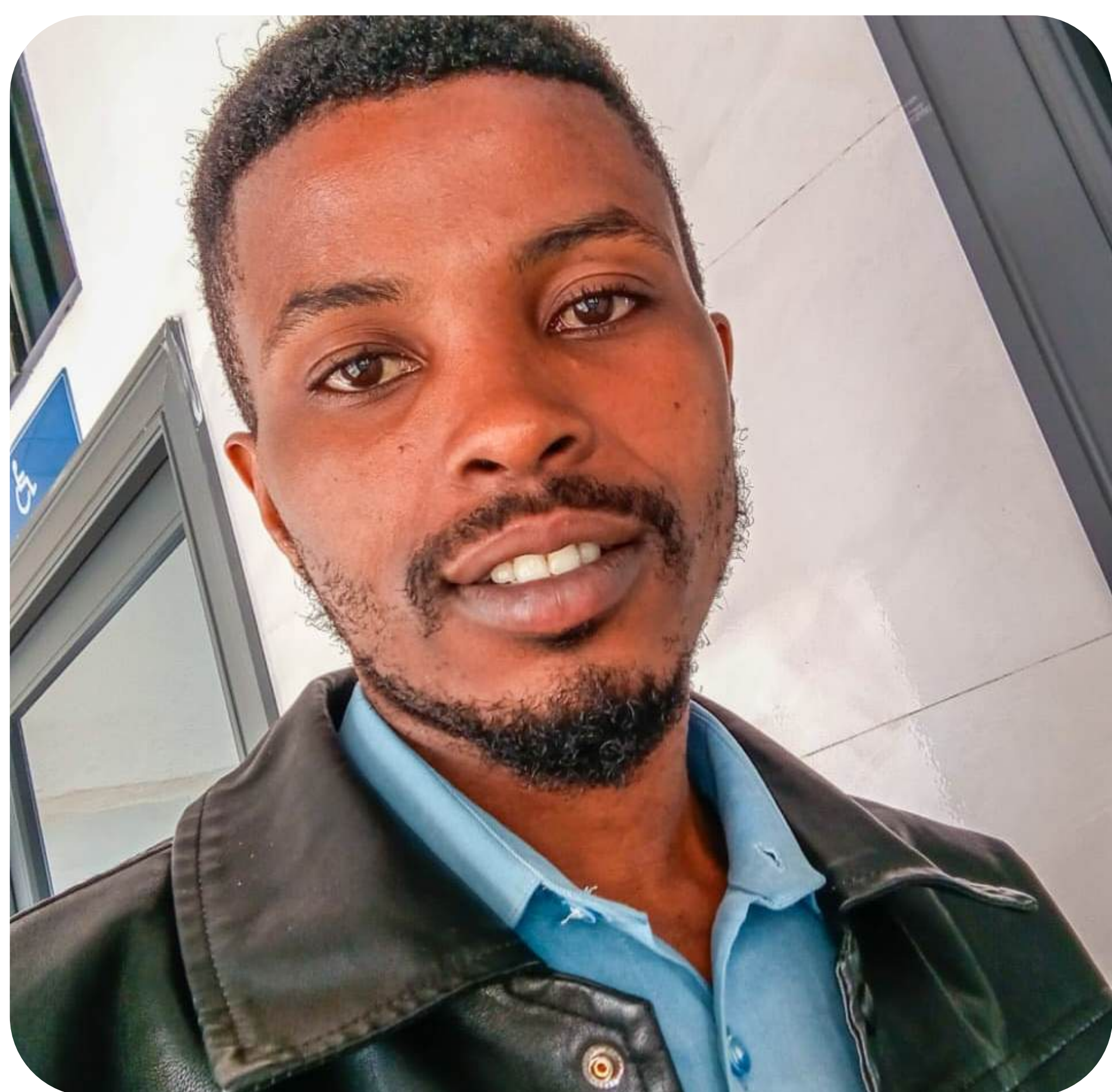
**PUB.**





## O REFRESCO MILAGROSO

Na esquina mais movimentada de qualquer cidade moçambicana, entre a poeira teimosa e o pregão dos vendedores ambulantes, há sempre uma banca misteriosa que ninguém diz visitar, mas onde todos, um dia, acabam por parar. A banca é pequena, coberta por uma lona já desbotada, mas guarda o produto mais procurado do país.



O refresco da corrupção. O vendedor não tem rosto definido. Uns dizem que é funcionário público, outros juram que é empresário, alguns afirmam que é político. O certo é que muda de cara conforme o freguês. O seu sorriso, porém, é sempre o mesmo: largo, brilhante e perigosamente convincente.

No rótulo do refresco lê-se:

*“Resolve tudo. Adoça a vida. Acelera processos.”*

Em letras pequenas:

“Efeitos secundários: atraso no desenvolvimento, estradas esburacadas, escolas sem carteiras, hospitais vazios, sonhos adiados.” Mas ninguém lê a letra pequena em Moçambique. O que interessa é que o refresco funciona. Pelo menos durante algum tempo.



O primeiro gole dá a sensação de vitória. O segundo desperta o atalho fácil. O terceiro instala a ideia de que a regra existe apenas para enganar os ingênuos. De gole em gole, nasce no cidadão comum um pequeno tirano que acredita que tudo tem preço e que o país existe apenas para a sua conveniência.

O ar enche-se de frases típicas:

“Não te preocupes, eu trato.”

“Conheço alguém lá dentro.”

“Não leva tempo.”

O ar enche-se de frases típicas:

“Não te preocupes, eu trato.”

“Conheço alguém lá dentro.”

“Não leva tempo.”

E o refresco continua a circular como se fosse água mineral num dia de calor em Lichinga.

A verdade, porém, é que Moçambique vai ficando cansado. O asfalto cede, as pontes caem, a juventude desespera. O progresso avança como quem anda com uma pedra no sapato. E a pedra tem nome: Corrupção.

As famílias pagam por serviços que deviam ser gratuitos. Os jovens estudam, mas o emprego fica sempre para o “sobrinho de alguém”. Os hospitais pedem paciência a quem já perdeu tudo, menos a esperança. E a esperança, essa, começa a desconfiar de si própria.

Um dia, porém, algo inesperado acontece. Na mesma esquina onde a banca funciona há décadas, aparecem jovens que recusam o refresco. Trazem consigo um novo sabor chamado consciência. Não tem açúcar, não promete milagres, mas tem um ingrediente raro: a verdade.

Os mais velhos aproximam-se, desconfiados e perguntam:

“Para que serve isso?”



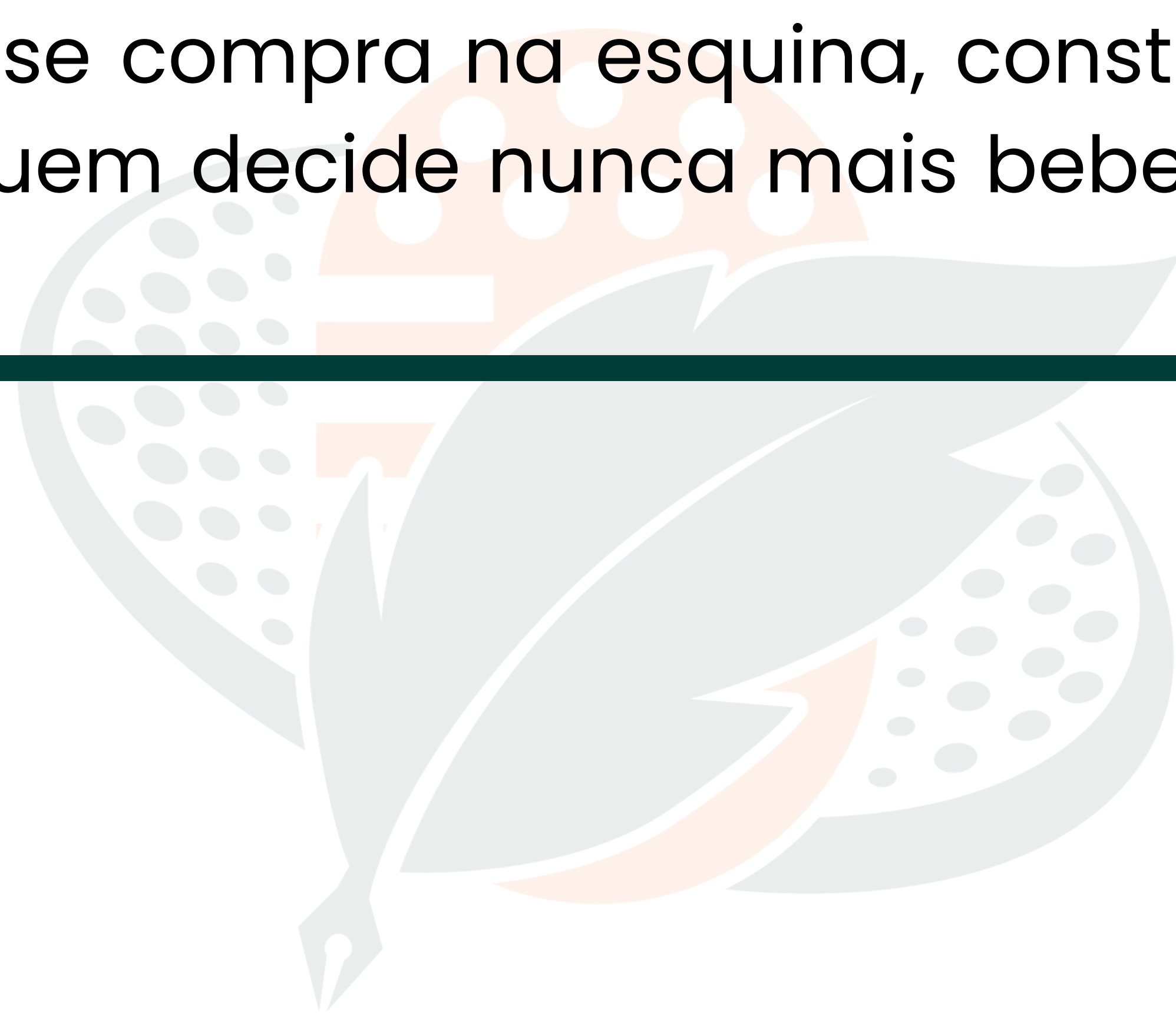
Os jovens respondem:

“Serve para construir um país onde ninguém precise de refresco mágico para viver com dignidade.”

A banca do vendedor treme. A clientela diminui. O cheiro da corrupção já não seduz como antes. Sente-se no ar uma vontade tímida de mudança. Ainda é frágil, mas existe. E o vendedor percebe, pela primeira vez, que o seu império pode ruir não por falta de refresco, mas por excesso de consciência.

O país continua a lutar, como sempre fez. Mas agora sabe que há um inimigo silencioso escondido em cada gole fácil. E também sabe que, um dia, quando a última garrafa do refresco for derramada no chão, Moçambique talvez descubra o verdadeiro milagre: crescer sem atalhos.

Porque o futuro não se compra na esquina, constrói-se. E constrói-se com a força de quem decide nunca mais beber o que adoece a nação.







# AS MÃOS QUE FAZEM NIASSA



# AS MÃOS QUE FAZEM NIASSA



**Margarida Jose Selemene**  
oleira desde 1962  
Distrito de Lago



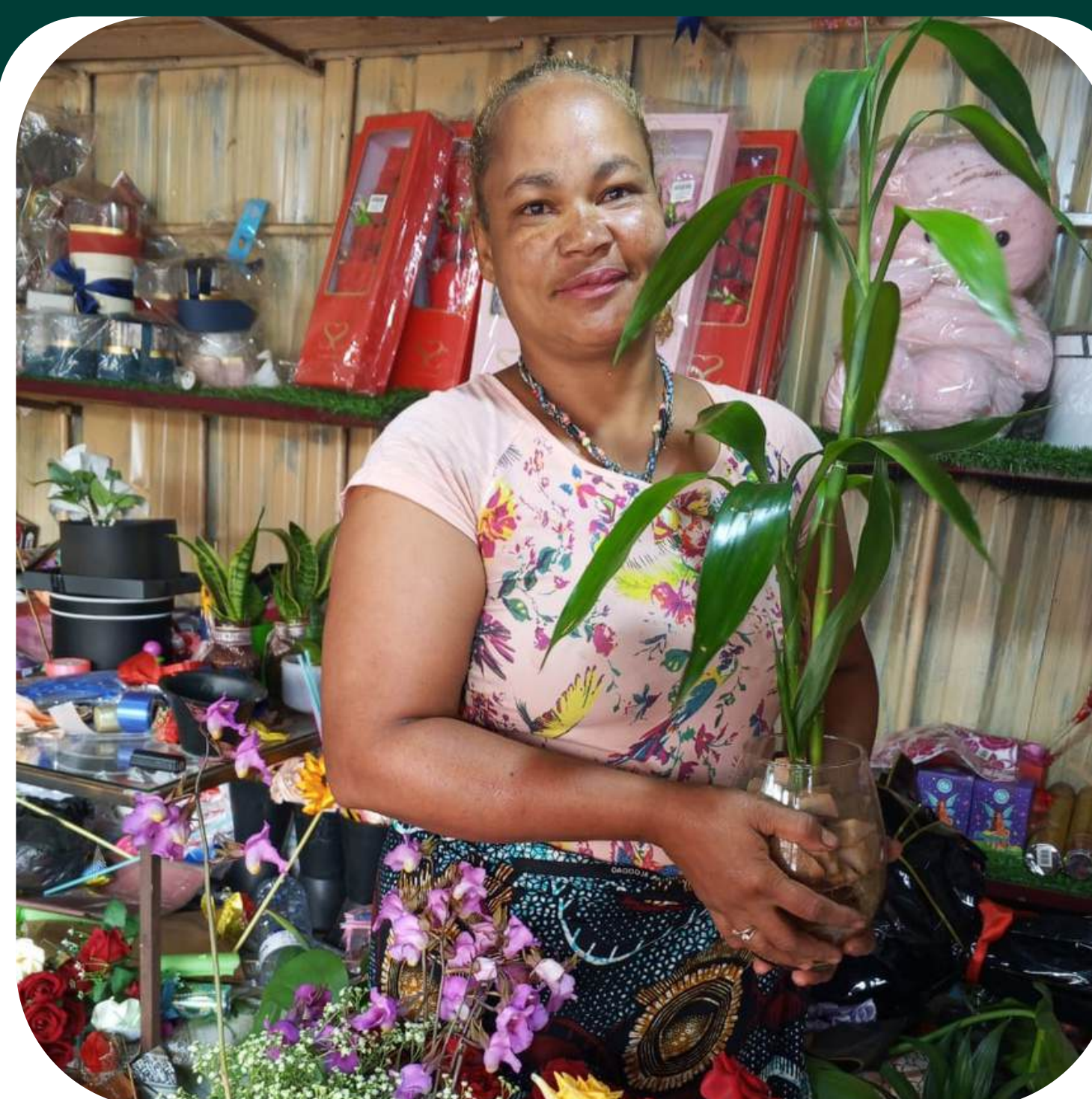
**Bolo de Banana**  
(xicamula ntima)  
Rua do IFAPA- Lchinga



**Autor- Juvenil Alex Lezile**  
Obra: Luz entre Sombras  
Ano: 2020



**Sabonete rejuvenescendor**  
da pele- Lichinga



**Arranjos de Flores Naturais**  
Feira- Lichinga



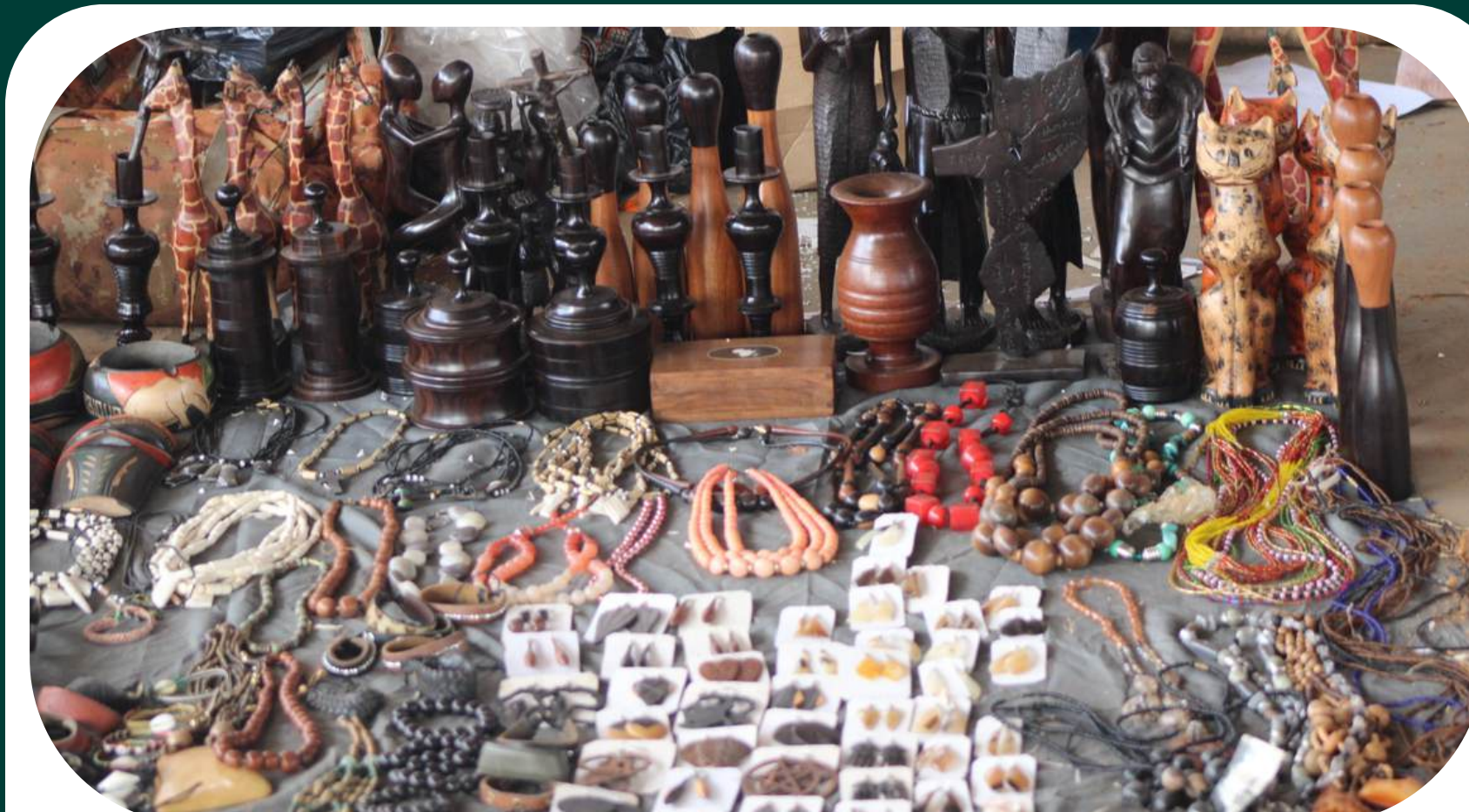
**Tia Gina- Bairro Popular**  
Lichinga



**JM Camoto**  
Ancestralidade- 2025



**Corte personalizado**  
Aleixo- Mandimba.



**Colecção artesanal**  
disponível Niassa



**Modelos e Actores da Agencia**  
Kumanguetu- Lichinga



